

Propriedades sintático-semânticas das exclamativas-wh: categorias, hierarquias e derivações*

Bruno Ferreira de Lima**

Aquiles Tescari Neto***

RESUMO

Resumo: Assumindo a vertente cartográfica da Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa (cf. RIZZI, 1997, 2004a, 2005 b; CINQUE, 1999, 2004, 2013, 2017; BENINCÀ; MUNARO, 2011; entre outros), o presente estudo se volta a uma descrição das sentenças exclamativas-wh do português brasileiro (PB). A definição desse tipo sentencial envolve uma série de propriedades que, à primeira vista, parecem variar de acordo com a abordagem adotada, tornando necessário um mapeamento mais preciso e abrangente dos traços conceituais envolvidos nessa construção. Essas categorias são geralmente identificadas com certas projeções funcionais, seguindo a diretriz do princípio *One Feature One Head* (KAYNE, 2005), que postula, para cada traço do sistema conceitual, uma categoria funcional *única* na hierarquia sintática. Dessa forma, propomos uma sistematização das propriedades elencadas pela literatura, seguindo a metodologia da Cartografia Sintática – sobretudo os *testes de coocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria* (TESCARI NETO, 2019) –, para determinar as categorias que estariam envolvidas na expressão da exclamatividade-wh e a posição dessas categorias na hierarquia oracional. Com base em testes sintáticos desenvolvidos para o PB, argumentamos que as projeções ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP (ou DemP) seriam acionadas na derivação de todos os tipos de exclamativas-wh para serem valorados, respectivamente, os traços de força, miratividade, avaliação, evidencialidade/referencialidade e indexicalidade. O traço de gradatividade, relacionado à projeção DegP da periferia esquerda, seria um traço valorado tão somente pelas exclamativas-que/quanto, não pelas exclamativas-como.

Palavras-chave: *Cartografia Sintática; Exclamativas; Exclamativas-wh; Categorias Funcionais.*

* Agradecemos aos dois pareceristas anônimos, pela atenta leitura e comentários muito preciosos. Sem dúvidas, as contribuições deles melhoraram muito a qualidade de nosso texto e os erros, se infelizmente permaneceram, são nossos. Agradecemos também aos colegas do *LaCaSa* pela discussão deste texto, em especial a Joyce Mattos que o debateu e problematizou alguns pontos que mereciam nossa atenção.

** *LaCaSa* – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>). Doutorando em Linguística. E-mail: bruno_skiba@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1116-5914> Esta pesquisa, que apresenta resultados do meu mestrado, foi financiada por bolsa da CAPES.

*** *LaCaSa* – Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino. Departamento de Linguística. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. E-mail: tescari@iel.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8157-3921>

ABSTRACT

Abstract: By assuming the cartographic version of the Principles and Parameters Theory (cf. RIZZI, 1997, 2004a, b; CINQUE, 1999, 2004, 2013, 2017; BENINCÀ; MUNARO, 2011; etc.), this study turns to a description of Brazilian Portuguese (BP) wh-exclamatives. The definition of this sentential type involves a series of properties that, at first glance, seem to vary according to the approach adopted. That makes it necessary to map, more precisely and comprehensively, the conceptual features involved in wh-exclamatives. These features are generally identified with certain functional projections, following the guideline of the *One Feature One Head principle* (KAYNE, 2005), which postulates, for each feature of the conceptual system, a unique functional category in the syntactic hierarchy. We propose a systematization of the properties listed by the literature, given the methodology of the Syntactic Cartography – especially the co-occurrence tests with elements allegedly belonging to the same category (TESCARI NETO, 2019) – to determine (i) the categories that would be involved in the expression of the wh-exclamativity and (ii) the position of these categories in the sentential hierarchy. Based on syntactic tests developed for BP, we argue that ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP (or DemP) are involved in the derivation of all types of wh-exclamatives. These projections value, each one, the features of *force*, *mirativity*, *evaluation*, *evidentiality/referentiality*, and *indexicality*, respectively. The *degree* feature – related to the DegP of the left-periphery – would only be valued by *quanto*-exclamatives and *que*-exclamatives, but not by *como*-exclamatives.

Keywords: *Syntactic Cartography; Exclamatives; Wh-exclamatives; Functional.*

A literatura em Sintaxe e Semântica conta, atualmente, com um número consideravelmente relevante de estudos sobre sentenças exclamativas, a explorarem seus diferentes aspectos morfossintáticos, prosódicos e semântico-pragmáticos (ver, entre tantos outros, GUTIÉRREZ-REXACH, 2001; MICHAELIS, 2001; ZANUTTINI & PORTNER, 2003; CASTROVIEJO, 2006; RETT, 2011; SIBALDO, 2009, 2016; ZENDRON DA CUNHA, 2016; PINHEIRO, 2019). Algumas questões sintáticas – sobretudo aquelas relacionadas às categorias envolvidas na derivação de um subtipo específico de exclamativas, a saber, as exclamativas-wh – ainda estão longe de serem consensualmente tratadas pela literatura.

É comum na literatura a conjectura de que as exclamativas-wh, como as apresentadas em (1-3), compartilhem certas propriedades exibidas por categorias nucleares do sistema CP (AMBAR, 2003; LIPTAK, 2005, 2006; CASTROVIEJO, 2006, 2008; entre outros).

- (1) Que aula interessante!
- (2) Como é educado aquele cachorrinho!
- (3) Quanta roupa suja neste cesto!

Contudo, essa consideração será – partindo de uma revisão da literatura sobre as exclamativas-wh e com base em dados sobretudo do português brasileiro (PB) – revista de maneira crítica: na verdade, conforme argumentaremos ao longo deste artigo, apenas um traço do sistema CP está obrigatoriamente envolvido na exclamatividade-wh (nos três distintos tipos de exclamativas, nomeadamente as exclamativas-*que*, as exclamativas-*quanto* e as exclamativas-*como*), qual seja, o traço de [força], associado à modalidade ou tipo sentencial; o traço de [gradatividade], comumente associado ao CP, pela literatura, deve ser valorado tão somente no caso das exclamativas-*que/quanto*, conforme argumentaremos na seção 3. Os outros quatro traços, (alguns deles) associados pela literatura consultada ao sistema CP, são valorados, conforme argumentaremos no decorrer do trabalho – tomando como base o estudo de Lima (2020) –, no *Middlefield* (IP), junto a projeções altas da hierarquia de Cinque (1999). A valoração desses quatro traços (ainda em IP) pode ser atestada pelos testes de coocorrência do sintagma exclamativo-wh com itens (alegadamente) pertencentes a uma das projeções associadas à exclamatividade-wh (no espírito dos testes de “coocorrência” a que se refere Tescari Neto (2019)).

Assim, argumentaremos que as exclamativas-wh não são primitivos gramaticais – no sentido de que a “exclamatividade-wh”¹ corresponda a uma *categoria* gramatical a ocupar, portanto, uma única posição na estrutura –, uma vez que esse tipo sentencial envolve mais de uma projeção funcional.

Dito isso, o artigo tem como objetivo principal descrever as propriedades sintático-semânticas – muitas delas já apontadas em trabalhos da literatura sobre o PB e outras línguas – das exclamativas-wh do PB e propor uma análise que capture essas propriedades em termos das categorias funcionais envolvidas nesse tipo sentencial. Conforme veremos, essas categorias são geralmente identificadas com certas projeções funcionais, sobretudo em abordagens não sincréticas/analíticas. Faz, portanto, sentido assumirmos a epistemologia e a metodologia do Programa Cartográfico (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999, entre outros) para definir as categorias envolvidas nesse tipo sentencial.

Uma vez então inserido no projeto cartográfico, nosso estudo seguirá a diretriz metodológica-guia de toda pesquisa em Cartografia: o “princípio do *one feature, one head*” – ‘um traço, um núcleo’ – (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010), estabelecendo, portanto, uma correspondência sistemática entre as características morfossintáticas e semânticas dessa modalidade e suas devidas projeções funcionais. Metodologicamente, os traços identificados serão organizados tendo em vista testes de coocorrência. Tais testes possibilitarão não só discriminar as categorias envolvidas na expressão da exclamatividade-wh como também propor uma abordagem que tipologicamente dê conta de determinar as categorias envolvidas na exclamatividade-wh.

1 Por “exclamatividade-wh” nos referimos – no sentido de Lima (2020) – ao conjunto das propriedades (aqui, “traços categoriais”) envolvidas na derivação das exclamativas-wh.

Com isso estabelecido, o trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 1, elencaremos as propriedades que estariam envolvidas nas exclamativas-wh; na seção 2, apresentaremos as bases teóricas que fundamentam nosso trabalho (a saber, a Cartografia Sintática); na seção 3, diagnosticaremos, com base em “testes de coocorrência”, as propriedades envolvidas na exclamatividade-wh; na seção 4, em vista das propriedades envolvidas na exclamatividade-wh, discutiremos a história derivacional das exclamativas-wh. As considerações finais retomarão pontos essenciais do trabalho.

1. As propriedades das exclamativas-wh

Não obstante o fato de as exclamativas contarem com importantes estudos a explorarem seus diferentes aspectos morfossintáticos, prosódicos e semântico-pragmáticos, conforme adiantamos na *Introdução* –, sua natureza, enquanto modalidade, ainda não está bem definida, uma vez não há uma teoria unificadora para as exclamativas, mas sim diversas investigações em domínios teóricos distintos (ODA, 2008).

Desse modo, ainda existem muitas discussões sobre suas propriedades pragmáticas (ROSENGREN, 1997; BEIJER, 2002), semânticas (RETT, 2011; DELFITTO & FIORIN, 2014; GUTZMANN, 2015; NOUWEN & CHERNILOVSKAYA, 2015) e sintáticas (MICHAELIS, 2001; VILLALBA, 2003, 2016; ZANUTTINI & PORTNER, 2003; AMBAR, 2003; ZENDRON DA CUNHA, 2016; PINHEIRO, 2019, entre outros). Assim sendo, a definição das exclamativas, enquanto uma modalidade em particular, envolve múltiplas propriedades que parecem variar de acordo com a abordagem adotada.

Em uma tentativa de ‘tipologizar’ as diferentes perspectivas nas quais as exclamativas são investigadas, Zevakhina (2013) distingue três principais abordagens: a *construcional* (MICHAELIS, 2001), a *pressuposicional* (ZANUTTINI & PORTNER, 2003) e a *escalar* (RETT, 2011). Cada uma dessas abordagens identifica diferentes propriedades para as exclamativas-wh; contudo, segundo a autora, há traços comuns a todas as perspectivas.

Um bom exemplo disso é a expressão de postura afetiva frente ao evento/objeto avaliado na veiculação da exclamatividade. Tal traço – inicialmente proposto na abordagem construcional (MICHAELIS, 2001) –, ainda que não seja formalizado em algumas abordagens, é compreendido como intrínseco às sentenças exclamativas: sempre que uma exclamativa é expressa, há uma quebra de expectativa e uma veiculação de uma atitude por parte do falante (admiração, surpresa, desgosto, perplexidade, etc.). Assumiremos aqui que essa postura afetiva corresponde ao traço de *miratividade* (DE LANCEY, 1987; CINQUE, 1999).

Um outro traço compreendido como pertencente às sentenças exclamativas (ainda que não seja formalmente tratado por todas abordagens) é o traço de *indexicalidade*. Como nos mostra Michaelis (2001), a expressão avaliativa das exclamativas é dêitica, ou seja, sempre parte da perspectiva do falante que profere a sentença. Deste modo, sentenças como (4)-(7) são intrinsecamente indexicais por serem sempre interpretáveis contextualmente².

- (4) Quanta sujeira *aqui* nesse escritório!
- (5) Como *você* é ambicioso!
- (6) Que educado *aquele* cachorrinho!
- (7) Quão estudiosos *esses meus* alunos!

Todas essas sentenças só podem receber seu valor semântico se nos ativermos ao cálculo dos indexicais. Essa indexicalidade das exclamativas-wh permanece ainda que a sentença em questão não contenha um item indexical morfofonologicamente realizado. Assim, quando proferimos uma sentença exclamativa como (8),

- (8) Que frio absurdo!³

a interpretação semântica considera essa avaliação com parâmetro indexical. Noutras palavras, trata-se de uma avaliação indissociável da perspectiva do falante, tendo como pressuposto um contexto *hit et nunc* (aqui-e-agora).

Em outras palavras, as sentenças exclamativas têm um componente indexical – que pode estar na estrutura-wh a partir de algum elemento silencioso – que expressaria a perspectiva do falante que, frente a uma situação não-canônica⁴, veicularia a emoção de surpresa. Esta surpresa só é possível se o referente estiver identificável no discurso. Ademais, tal surpresa seria acompanhada por uma *avaliação* – também intrínseca ao sujeito que profere a sentença –, que pode ser positiva ou negativa (MICHAELIS, 2001).

Dito isso, é plausível assumir que, além do traço de *avaliação*, o traço de *referencialidade* também esteja envolvido na exclamatividade-wh, dado que a sensibilidade à experiência (visual, auditiva, etc.) é uma das características semânticas das exclamativas-wh. As sentenças exclamativas, diferentemente de outras modalidades, não podem ser proferidas em contextos *out of blue* e são atreladas ao contexto. Nesse sentido, os predicados das exclamativas

2 Assumimos neste trabalho a definição de indexicais de Kaplan (1989). Nesta perspectiva, a referência dos indexicais pode ser alterada de contexto para contexto. Assim, a regra básica de interpretação dessas expressões consiste em procurar sua referência no contexto em que são produzidas. Isso determina que, para os termos indexicais poderem receber um valor semântico, eles precisam estar fixados em um dado contexto (KAPLAN, 1989).

3 Obviamente um tratamento à la Kayne (2005) entenderia que, em (8), teríamos um nome não pronunciado (indicado por versais no exemplo): “Que frio absurdo AQUI!”

4 Michaelis (2001) define uma situação não-canônica como aquela em que o falante “falha” ao prever – com base em uma suposição prévia ou em um conjunto de suposições (i.e., um estereótipo) – um conjunto de normas comportamentais ou um modelo do mundo físico.

são i) objetos ou eventos que são sensorialmente percebidos ou ii) objetos ou eventos que acabaram de serem ditos (PFEIFFER, 2016, p. 53). Assim, há uma relação entre as exclamativas-wh e a categoria da *evidencialidade*.

Um outro traço consensual a todas as abordagens é a propriedade de ‘*escalaridade*’/*gradatividade*, havendo, contudo, discordância sobre a sua natureza. Na perspectiva pressuposicional (ZANUTTINI & PORTNER, 2003), não se trataria de *graus* envolvidos, mas sim, de uma extrapolação de um ponto máximo de uma escala (denominado pelos autores de *efeito widening*). Nessa perspectiva, em uma sentença como (9),

(9) Que feia essa camisa!

há uma escala de ‘feiura’; a camisa em questão teria extrapolado o limite máximo dessa escala. Já nas perspectivas construcional e escalar (MICHAELIS, 2001; RETT, 2011), a ideia é a de que as exclamativas veiculariam *graus*. Os valores de um atributo determinado contextualmente poderiam ser semanticamente representados como um conjunto de *graus* escalares ordenados. Esse conjunto seria ordenado a partir dos *graus* que o falante espera para aqueles que o falante não espera (RETT, 2011). Assim, em uma sentença como (10),

(10) Que casa grande eu vi!

o caráter de surpresa das exclamativas pode ser justificado por uma diferença de grau: o grau do tamanho (grande) da casa é maior que o grau que o falante esperaria, daí a exclamatividade.

Nesta perspectiva, o conteúdo das sentenças exclamativas seria uma propriedade de *graus* Σ do tipo $\langle d, \langle s, t \rangle$, sobre o qual o falante tem evidência direta de que algum grau d está em Σ , esse grau excede o padrão de Σ e o falante acredita que $\Sigma(d)$ é verdadeiro (RETT, 2011). Tomemos, por exemplo, uma sentença como (11):

(11) Que alto, o João!

Tal sentença é proferida porque o falante teve evidência direta sobre a altura do João (d) e essa altura excede a sua expectativa frente a um determinado parâmetro de altura Σ , de forma que (12) denota um conjunto de *graus* em que João é alto (RETT, 2011, p.8):

(12) Que alto, o João!
{ d : alto’ (joão, d)}

Dessa forma, exclamativas-wh seriam incapazes de receber uma interpretação que expressasse surpresa do falante em relação a algo não graduável. Essa característica das exclamativas-wh de veicularem apenas propriedades gradativas justificaria a estranheza de sentenças como (13) e (14):

- (13) #Que grávida essa mulher!
(14) #Que fechada essa porta!

Para além desses traços, há na literatura quem argumente que as exclamativas exibiriam o de *factividade*: a verdade das proposições veiculadas por essa modalidade – considerando que as exclamativas, de fato, denotariam um conjunto de proposições, como afirmam Zanuttini & Portner (2003) – seria pressuposta pelo falante. Para mostrar a pertinência dessa propriedade, Zanuttini & Portner (2003) propõem um teste: o teste do encaixamento. Segundo esse diagnóstico, sentenças exclamativas, em tese, podem ser encaixadas em predicados factivos. Assim, considerando uma sentença como “Como é educado aquele cachorrinho” ou “quanto cachorrinho educado”, é de se esperar que essas ocorrências possam ser encaixadas, mas não é o que percebemos no PB:

- (15) João sabe como é educado aquele cachorrinho!
(16) *João sabe que educado aquele cachorrinho!
(17) *João sabe quanto cachorrinho educado!

As exclamativas-wh do PB “passam” no teste de encaixamento se o elemento-wh envolvido for o “como” (15), mas falham se a estrutura em questão envolver “que” ou “quanto”, como as exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto*⁵ em (16) e (17). A impossibilidade de (16) e (17) em PB reforça os pontos

5 Todavia, conforme nos aponta um parecerista, pode ser que essa gradação de aceitabilidade/agramaticalidade das exclamativas-wh encaixadas tenha mais relação com a presença ou não de verbo em sua forma raiz, ao invés de estar relacionado a forma do elemento-wh. Se ela tem verbo, sua aceitabilidade parece ser maior (vii – viii); se não tem verbo, é menor (ii; iv; vi):

- i) Que grande essa casa!
ii) *João sabe\viu [que grande essa casa].

iii). Que grande é essa casa!
iv) ?João sabe\viu [que grande é essa casa].

v) Quanto livro legal!
vi) *João sabe\viu [quanto livro legal]

vii) Quanto livro legal tem aqui!
viii) João sabe\viu [quanto livro legal tem aqui]

Compreendemos que esse fenômeno deve ser mais bem investigado e que tal observação se relaciona com nossa hipótese principal (a de que haja distinções configuracionais entre as exclamativas-wh), uma vez que as exclamativas-wh iniciadas por ‘como’ do PB podem ser encaixadas em verbos factivos (o assim denominado teste de factividade, tal como pro-

levantados por Castroviejo (2006) e Mayol (2008) de que a factividade não esteja sempre envolvida nas sentenças exclamativas. Desse modo, desconsideraremos o envolvimento desse traço na derivação de exclamativas-wh.

Os dados em (15)-(17) também permitem levantar as seguintes questões: haveria uma configuração sintática distinta para cada exclamativa-wh e seu respectivo elemento-wh envolvido? Se sim, todas as construções exclamativas checariam seus traços nas mesmas áreas ou seria possível conjecturar sobre diferenças estruturais a depender do operador-wh envolvido na expressão? Pretendemos responder essas questões ao longo de nossa argumentação⁶.

De todo modo, entendemos que as sentenças exclamativas são, de fato, um tipo sentencial próprio, e argumentamos que a propriedade de *força* esteja envolvida em todas as exclamativas-wh, sendo licenciada pela projeção funcional *ForceP*, a projeção responsável associada ao tipo sentencial (interrogativa, declarativa, exclamativa, etc.).

Recapitulando, concluímos, então, que os traços de *miratividade*, *indexicalidade*, *avaliação*, *evidencialidade* e *força* estejam envolvidos na exclamatividade-wh. O traço de *gradatividade*, conforme dito na *Introdução*, é valorado na derivação de exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto*, mas não na das exclamativas-*como*. Voltaremos a esse ponto na seção 3.

Uma vez identificados os traços que as exclamativas-wh deveriam envolver, nosso próximo passo é compreender como tais traços podem ser integrados à (e/ou realizados na) estrutura sintática⁷.

posto por Zanuttini e Portner (2003)) enquanto as exclamativas-wh iniciadas por ‘que’ ou ‘quanto’ não permitem esse encaixamento. As exclamativas-*como*, em sua forma raiz, tal como em (i), não são possíveis de serem veiculadas sem o verbo:

(i) Como é imbecil esse político;

(ii) * Como imbecil esse político

6 Como veremos nas seções seguintes, é plausível estabelecer uma diferença entre exclamativas-wh com ‘que’ e ‘quanto’, por um lado, e exclamativas-wh com ‘como’, por outro. Tal ideia não é surpreendente, uma vez que já foi demonstrado que, ao menos no PB, haveria três correlatos entoacionais diferentes para as exclamativas-wh, um para cada elemento-wh presente no início da sentença [‘como’, ‘que’ e ‘quanto’] (ZENDRON DA CUNHA, 2016). Outro argumento, como bem nos apontou um parecerista anônimo, vem da distribuição sintática dessas exclamativas, dado que, enquanto todas as sentenças exclamativas do PB são possíveis com verbo em sua estrutura (‘Que linda está a festa!’/ ‘Como a festa está bonita!’ / ‘Quanta festa bonita aconteceu!’), apenas as exclamativas-wh iniciadas por ‘que’ e ‘quanto’ permitem uma estrutura sem verbo (‘que festa linda!’/ ‘quanta festa linda!’/* ‘Como festa linda’). Como argumentaremos na seção 3, é plausível que as exclamativas-*que/quanto* tenham uma história derivacional distinta das exclamativas-*como*.

7 Alguém poderia questionar, como bem nos lembrou um dos pareceristas, se a valoração de cada um dos cinco ou seis traços nas respectivas projeções – no espírito do *One Feature, One Head*, de Kayne (2005) – não sobrecarregaria demais a sintaxe. Mais precisamente, um crítico poderia colocar, segundo o parecerista, a seguinte questão: “qual é a justificativa (que não seja de respeitar normativas internas do modelo) de representar todas essas propriedades na estrutura sintagmática da frase?” Essa é uma ótima questão e há um modo de respondê-la sem com isso recorrer a saídas que tão simplesmente “respeit[am] normativas internas do modelo”. Pensemos no caso de uma língua aglutinante como o coreano. Línguas aglutinantes são sistemas em que, para cada traço do sistema conceitual (“LF”) haverá um morfema que transparentemente se encarregará de traduzir *tão somente* aquele traço *específico*, diferentemente de sistemas flexionais – como o português, em que pode haver “cumulação de traços” num só fonema (lembre-se de que o PB, p.ex., realiza os traços-phi

Nos últimos anos, diversos trabalhos foram desenvolvidos com o objetivo de acomodar, na estrutura sintática, essas propriedades semânticas e pragmáticas. Podemos destacar duas abordagens diferentes que foram desenvolvidas para dar conta, em uma teoria sintática, das propriedades das exclamativas: i) a abordagem que assume a existência de uma ‘categoria sincrética’, na qual os diferentes traços são combinados (URIAGEREKA, 1995; ZUBIZARRETA, 1998) e ii) a abordagem que acomoda esses traços numa perspectiva de CP/IP explodidos, em que cada uma das diferentes propriedades são representadas por diferentes projeções (AMBAR, 2003; GUTIÉRREZ-REXACH, 2001, 2008).

Ao assumirmos uma abordagem cartográfica para o CP/IP, cindidos em diversas categorias funcionais dedicadas à interpretação semântico-discursiva, advogamos em favor da hipótese de que a *exclamatividade* das exclamativas-wh não é derivável a partir de uma categoria única, primitiva; antes é o resultado da valoração (sintática) de vários traços que, derivacionalmente, terão como *output* a expressão da exclamatividade-wh.

(número e pessoa) de maneira sincrética num único morfema). Assim, em (i), do coreano, p.ex., temos, para além dos dois morfemas de concordância, respectivamente *-si-* e *-sup-*, os seguintes morfemas, da esquerda para a direita: *-hi-*, *-ess-*, *-ess-*, *-keys-*, *-ri-* e *-kka*, que realizam respectivamente as categorias de voz (passiva), tempo anterior, tempo passado, modalidade epistêmica, modalidade evidencial e força:

(i) *Coreano* (Cinque, 1999: 53)
Ku pwun-i cap-hi-si-ess-ess-keyss-sup-ri-kka?
A pessoa-NOM pegar-PASS-AGR-ANT-PAST-EPISTEM-AGR-EVID-Q
‘Você sentiu que ele tinha sido pego?’

Repare que, se cada um desses seis morfemas – e nem estamos contando os dois morfemas de Agr! – realizam um único traço, não há saída se não a sintaxe realizar distintamente cada uma dessas seis categorias, cada uma num núcleo da sequência funcional, por uma razão muito simples (e, num certo sentido, até curiosamente bastante “minimalista” metodologicamente): em virtude de PF e LF “não se conversarem” e receberem o mesmo *output* da derivação sintática, o fato mesmo de o coreano realizar, discretamente, cada um dos seis traços por um morfema distinto, justifica a alternativa acertada da cartografia de optar por entender que cada traço seja valorado por uma projeção distinta. Lembremo-nos (e o caso de línguas aglutinantes deixa isso claro) de que somente uma é a ordem correta para as categorias de (i) acima (cf. Cinque, 1999: 53).

Tal opção metodológica, pelos cartógrafos, encontra respaldo inclusive numa interpretação bastante estrita do minimalismo de Chomsky, quando o autor diz que a postulação de categorias gramaticais/funcionais deve ser justificada “quer por condições de saída (de interpretação fonética e semântica) ou por argumentos internos à teoria” (1995: 24). Ora, se o coreano transparentemente realiza cada um dos traços identificados em (i) por meio de um morfema distinto, justificam-se por razões semânticas e morfológicas a assunção dessas categorias já na sintaxe, por força do modelo em T (Chomsky, 1995). Uma interpretação “dura” do princípio de uniformidade (Chomsky, 2001), forçar-nos-ia a estender a valoração dos referidos traços de (i) do coreano também a outras línguas que sequer os expressam morfológicamente cada um via um único morfema.

Em vista da argumentação aqui favorecida para o caso do exemplo (i) do coreano, estendemos o raciocínio também à valoração das categorias envolvidas mesmo em línguas flexinais e em estruturas distintas, como é o caso das exclamativas-wh.

2. A Cartografia sintática e a sua metodologia

Com o objetivo de determinar os “átomos” da estrutura sintática, desenhando mapas com configurações bastante precisas, o Programa Cartográfico propõe uma expansão das categorias funcionais tanto no domínio da oração (vP (BELLETTI, 2004), IP (CINQUE, 1995, 1999) e CP (RIZZI, 1997, 2004 a,b; dentre outros)), como no domínio da projeção estendida do nome (cf. CINQUE, 2005; 2013).

Desde os trabalhos seminais de Cinque (1995, 1999), sobre a estrutura do IP (também denominado de ‘Middlefield’), e de Rizzi (1997), sobre a estrutura enriquecida do CP (a “periferia esquerda”), diversas pesquisas surgiram com o intento de investigar esses domínios estendidos e desenhar mapas precisos da estrutura sintática.

Desse modo, faz parte da empreitada do projeto cartográfico o estabelecimento de uma correspondência sistemática entre as características morfossintáticas e semânticas de uma modalidade e suas devidas projeções funcionais, hierarquicamente estabelecidas na estrutura sintática (BENINCÀ & MUNARO, 2011). Além de seguir esse princípio de correspondência estrita entre a *Narrow Syntax* e as categorias do sistema conceitual, a Cartografia sintática se orienta, sob os seguintes fundamentos teóricos: i) a teoria da antissimetria de Kayne (1994); ii) as camadas de Cinque (1999) para o *middlefield* (‘espaço IP’); iii) as camadas periféricas do domínio oracional (RIZZI, 1997) e iv) a estrutura em camadas de Cinque para os PPs.

Foi com base na distribuição relativa de advérbios de classes semânticas distintas em diferentes línguas que Cinque (1999) estabeleceu uma hierarquia rígida para os advérbios. O IP, já explodido em duas projeções por Pollock (1989), se desdobra em cerca de quarenta categorias funcionais, cada uma caracterizada por um traço semântico distintivo, constituindo o que é denominado por Cinque (1999) de ‘espaço IP’.

Cinque (1999) utilizou advérbios de diferentes classes e partiu da combinação de dois advérbios por vez nas duas ordens possíveis, conforme ilustrado em (18-19), a seguir, em que “>” indica precedência:

- (18) a. AdvPA > AdvPB
b. *AdvPB > AdvPA

- (19) a. AdvPB > AdvPC
b. AdvPC > AdvPB

Com base nessas combinações, conclui-se que AdvPA precede AdvPB. Tendo em vista o Princípio da Uniformidade (CHOMSKY, 2001) e utilizando-se dessa reconstrução de fragmentos da hierarquia, através dos testes de transitividade aplicados a diferentes línguas, é possível chegar a uma hierarquia mais completa (como a proposta por Cinque (1999, p. 106)):

(20) *A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais em IP (Middlefield)*

[<i>francamente</i> Modo ato de fala > [<i>felizmente</i> Modo avaliativo > [<i>evidentemente</i> Modo Evidencial > [<i>provavelmente</i> Modalidade Epistêmica > [<i>uma vez</i> T Passado > [<i>então</i> T Futuro > [<i>talvez</i> Modo Irrealis > [<i>necessariamente</i> Modalidade Necessidade > [<i>possivelmente</i> Modalidade Possibilidade > [<i>normalmente</i> Asp Habitual > [<i>finalmente</i> Asp Tardio > [<i>tendencialmente</i> Asp Predisposicional > [<i>novamente</i> Asp Repetitivo(I) > [<i>frequentemente</i> Asp Frequentativo(I) > [<i>de/com gosto</i> Modalidade Volitiva > [<i>rapidamente</i> Asp Acelerativo (I) > [<i>já</i> T Anterior > [<i>não...mais</i> Asp Terminativo > [<i>ainda</i> Asp Continuativo > [<i>sempre</i> Asp Contínuo > [<i>apenas</i> Asp Retrospectivo > [<i>(dentro) em breve</i> Asp Aproximativo > [<i>brevemente</i> Asp Durativo > [(?) Asp Genérico/Progressivo > [<i>quase</i> Asp Prospectivo > [<i>repentinamente</i> Asp Incoativo (I) > [<i>obrigatoriamente</i> Modo Obrigação > [<i>em vão</i> Asp Frustrativo > [(?) Asp conativo > [<i>completamente</i> Asp singcompletivo(I) > [<i>tudo</i> Asp Repetitivo (II) > [<i>frequentemente</i> Asp Frequentativo (II) >...
--

Cinque (1999) argumenta em favor da hipótese mais forte para a variação tipológica, afirmando não só que todas as línguas contam com o mesmo inventário de projeções funcionais, como também que sua ordem relativa é sempre a mesma. As línguas variam apenas em termos de quais categorias são realizadas morfonologicamente e quais são silenciadas (KAYNE, 2005; CINQUE; RIZZI, 2010). Desse modo, a estrutura hierárquica do IP (e das demais projeções estendidas) seria uma propriedade da Gramática Universal.

Além do IP cindido, nos interessa também a expansão do CP e suas projeções funcionais da periferia esquerda. De forma sintética, o CP é a área responsável pela articulação entre o conteúdo proposicional, expresso pelo IP, e a estrutura superior, que pode ser uma sentença matriz ou o discurso. Segundo Rizzi (1997), uma série de categorias funcionais localiza-se no campo do CP, de forma que esse domínio precisa ser estendido para acomodar certos constituintes com propriedades discursivas.

Como veremos a seguir, com base nos testes de coocorrência, muitas das propriedades das exclamativas-wh, atribuídas à periferia esquerda, podem ser valoradas em uma posição mais baixa na hierarquia sintática (a saber, a zona do *middlefield*).

3. Categorias funcionais em exclamativas-wh: o caso do PB

Uma vez que assumimos uma abordagem ‘analítica’ em nossa investigação das exclamativas, a adoção de uma abordagem cartográfica é crucial para um mapeamento mais preciso da posição das exclamativas na estrutura da sentença – quer de sua posição de Soldagem (externa), quer de sua posição última (i.e., da posição de pouso do sintagma-wh, se se mostra que é pronunciado numa posição distinta da de Soldagem externa).

Conforme vimos na primeira seção, os traços de *miratividade*, *indexicalidade*, *avaliação*, *evidencialidade*, e *força* estariam envolvidos na derivação de todos os subtipos de exclamativas-wh. Exclamativas-como teriam adicionalmente ainda o traço de *gradatividade* para valorar.

Essas propriedades semântico-pragmáticas são codificadas por meio de categorias funcionais e são, em geral, postuladas como pertencendo

à periferia esquerda⁸. Contudo, o importe conceitual dessas categorias é bastante similar ao importe conceitual das categorias presentes na zona mais alta do *middlefield* (CINQUE, 1999), conforme o estrato parcial da hierarquia dada em (20) e reproduzido, a seguir, em (20’):

(20’) *francamente* Modo_{ato de fala} > [*felizmente* Modo_{avaliativo} > [*evidentemente* Modo_{Evidencial} > [*provavelmente* Modalidade_{Epistêmica} > ...

Esses advérbios da zona alta do IP têm uma característica em comum com as exclamativas: eles expressam atitudes do falante sobre a proposição ou fato veiculado. Segundo Cinque (1999, p. 84), a projeção de modo do ato de fala marca a força ilocucionária de uma sentença e, não por acaso, encontramos um paralelismo com as projeções propostas na periferia esquerda de alguns autores: existe uma discussão sobre a possibilidade de Mood pertencer ao domínio do CP estendido de Rizzi (1997) ou ao *middlefield* (cf. Speas, 2004; Haumann, 2007).

Ademais, como vimos anteriormente (cf. seção 1), existe um impasse quanto ao fato de o elemento-wh da exclamativa determinar (ou não) diferenças estruturais. Vejamos então se há diferenças estruturais entre exclamativas-wh com “como”, “que” e “quanto”, a partir dos “testes de coocorrência”.

A começar pelo elemento “como” é estabelecido que, ao menos no PB, pode ter quatro leituras: *causa*, *propósito*, *elucidativa* e *mirativa*, ao menos quando presente em uma estrutura “como assim” (SOUSA, 2019). No caso das exclamativas-*como*, é plausível pressupor que haja essas propriedades e que o elemento-wh “como” suba até Mood_{Mirative} P, uma vez que em exclamativas este elemento tenha leitura mirativa. Sendo esse o caso, é esperado que não seja possível coocorrer um advérbio de ato de fala dentro de exclamativas-*como*, e é exatamente o que observamos a seguir:

- (21) ?/*Aparentemente, como é sinceramente debilitado esse presidente!
- (22) Sinceramente, como infelizmente é debilitado esse presidente!
- (23) Sinceramente, como políticos são aparentemente corruptos!
- (24) ?/*Aparentemente, como todos políticos sinceramente são corruptos!

As sentenças em (22) e (23) são aceitáveis porque o advérbio “sinceramente” está fora do domínio oracional da exclamativa-wh, ao contrário do que vemos nas sentenças mal formadas em (21) e (24), em que o advérbio de ato de fala “sinceramente” está integrado à estrutura da exclamativa-wh⁹.

8 Os traços de ‘miratividade’ e ‘avaliação’ são, para alguns autores, codificados em CP (cf. AMBAR, 2003; ZANUTTINI & PORTNER, 2003). Também os traços de ‘indexicalidade’ e ‘evidencialidade’, para outros (SPEAS & TENNY, 2003; GIORGI, 2008), seriam traços de projeções da periferia esquerda.

9 Como de praxe, na metodologia da Cartografia Sintática, nos utilizamos do expediente do critério de Jackendoff (1972, p. 87) segundo o qual “dois advérbios sentenciais de mesma classe semântica [não podem coocorrer], do mesmo modo que não pode haver dois adjetivos

Lembremos também que, se tivermos de posicionar quantificadores universais na estrutura do middlefield proposta por Cinque (1999), é bem provável que sua posição de soldagem seja abaixo de advérbios mirativos e acima de advérbios avaliativos, segundo Tescari Neto (2013, 2016).

Para Ambar (2003), exclamativas-wh se comportariam tal como quantificadores avaliativos e subiriam para uma posição alta do CP (daí o rótulo de EvaluativeP). Contudo, embora tal observação seja válida para exclamativas-*que*, não parece ser para exclamativas-*como*:

(25) *Que* livros o Pedro lhe ofereceu!

(26) **Como* livros o Pedro lhe ofereceu!¹⁰

Quanto ao traço de evidencialidade/referencialidade nas sentenças exclamativas, podemos conferir sua pertinência através do expediente metodológico largamente explorado nesta seção, nomeadamente o teste de coocorrência (TESCARI NETO, 2019), dessa vez com o advérbio evidencial:

(27) *Evidentemente como é linda aquela mulher!

(28) *Evidentemente que linda aquela mulher!

(29) *Evidentemente quanta mulher linda!

Uma vez que o advérbio evidencial “evidentemente” não pode coocorrer em estruturas exclamativas-wh, entendemos que o traço de evidencialidade esteja envolvido na exclamatividade-wh. Sendo assim, trata-se de um traço que deve ser checado na estrutura sintática, no momento da derivação. Tal como os demais traços descritos nessa seção, é possível argumentar que esse traço seja valorado em uma projeção alta do IP (ao invés de sê-lo no CP). Na zona expandida do IP, há uma posição dedicada à valoração desse traço, de modo que argumentaremos que o traço de referencialidade é valorado na projeção de Mood_{Evidential}P (CINQUE, 1999), pelo fato de as exclamativas sempre serem veiculadas em relação à evidencialidade do predicado: o falante teve acesso ao objeto/evento que gerou a surpresa e o fez exclamar.

Além disso, como vimos anteriormente, as exclamativas-wh precisam checar/valorar algum traço avaliativo em sua estrutura. Tal traço, em termos da hierarquia de Cinque (1999), deve ser checado já na zona alta de IP, nomeadamente em [Spec, Mood_{Evaluative}P], como podemos constatar em (30)-(32):

de cor ou de tamanho a modificarem um nome”. Com base nesse critério, estabelecemos a existência ou não de um determinado traço na estrutura das exclamativas-wh. Para uma explicação pormenorizada de tal critério, cf. Tescari Neto (2020, capítulo 2).

10 No caso de (26), um parecerista anônimo destacou que a causa desta restrição seria o uso de *como* em orações sem verbo (que não seria possível), além do fato de [que livros] formar um constituinte, enquanto [como livros] não.

- (30) *Como *lamentavelmente* infeliz é esse comentário!
- (31) *Como *infelizmente* ruim é esse presidente!
- (32) *Como *lamentavelmente* inepto é esse político!

Uma vez que as exclamativas, intrinsecamente, têm essa propriedade avaliativa, não é esperado que exclamativas-*wh* coocorram com elementos do mesmo importe conceitual (no caso, os advérbios avaliativos *lamentavelmente* e *infelizmente*), o que explicaria a agramaticalidade em (30) a (32) com esses advérbios à esquerda do verbo. Todavia, se posicionarmos esses advérbios à direita do verbo, isto é, em IP, tais ocorrências passam a ser gramaticais:

- (33) Como é lamentavelmente infeliz esse desastroso comentário!
- (34) Como é infelizmente ruim esse presidente!
- (35) Como é lamentavelmente inepto esse político!

Podemos testar a pertinência dessa propriedade (i.e., o traço avaliativo) nas exclamativas-*wh*, recorrendo ao mesmo expediente da coocorrência, dessa vez de sintagmas-*wh* exclamativos com advérbios avaliativos (do tipo de *felizmente*):

- (36) *Felizmente, que bela é aquela mulher
- (37) *Felizmente, quão bela é aquela mulher
- (38) Felizmente, como é bela aquela mulher!

192

Os dados em (36)-(38) parecem corroborar a hipótese de que há uma variação entre as exclamativas-*wh* do PB. As sentenças exclamativas-*que* e exclamativas-*quanto* parecem envolver movimento-*wh* para a posição de [Spec, Mood_{Evaluative} P], dada a má formação de (36) e (37), mas esse não parece ser o caso de (38). Esse seria um argumento favorável à assunção de diferentes derivações para diferentes tipos de exclamativas-*wh*.

Um argumento adicional para essa análise – que propõe diferenças de alturas para as exclamativas-*que/quanto* e as exclamativas-*como* – pode ser oferecido por meio do teste de coocorrência com advérbios mirativos, como “surpreendentemente”:

- (39) *Surpreendentemente, que bela é aquela mulher!
- (40) *Surpreendentemente, quão bela é aquela mulher!
- (41) Surpreendentemente, como é bela aquela mulher!

Como podemos ver em (39)-(41), apenas as exclamativas-*como* parecem admitir advérbios mirativos à esquerda do elemento-*wh*, o que poderia ser um indício de que as exclamativas-*como* não subiriam tanto quanto as exclamativas-*que* e as exclamativas-*quanto*. Assim, dadas as observações

feitas com base nos testes de coocorrência das categorias funcionais envolvidas na exclamatividade-wh, argumentamos que, no caso das exclamativas-*como*, é possível que as propriedades da exclamatividade sejam, exceção feita ao traço de força, valoradas já no middlefield.

Entenderemos, portanto, que os traços de *evidencialidade*, *avaliação* e *miratividade* são satisfeitos na zona alta do IP (numa representação à la Cinque, 1999), dado não só que há posições com importes conceituais compatíveis com as categorias veiculadas pela exclamatividade-wh nesta porção da estrutura hierárquica como também – e sobretudo – que advérbios representantes dessas categorias altas de IP reagem à presença de sintagmas exclamativos-wh. Assim, propomos que o traço de evidencialidade é valorado por movimento a [Spec, Mood_{Evidential} P]; o traço de avaliação é valorado por movimento a [Spec, Mood_{Evaluative} P] e o traço de miratividade por movimento a [Spec, Mood_{Mirative} P].

Quanto ao traço de gradatividade, argumentamos que, de fato, como entende a literatura (DELFITTO & FIORIN, 2014; VILLALBA, 2016), essa propriedade esteja associada a uma categoria alta da periferia esquerda. Em favor dessa hipótese advogam algumas diferenças configuracionais entre essas exclamativas do PB.

Em exclamativas-*como*, é importante destacar que o item ‘como’, diferentemente do item “que”, não seleciona sintagmas nominais; para além disso, não é possível omitir a cópula, como acontece com exclamativas-*quanto* e exclamativas-*que*:

- (42) *Como aula interessante que assisti!
- (43) *Como interessante aula que assisti
- (44) Como é interessante a aula que assisti!

Sabendo que não há movimento do verbo finito de I-para-C no PB (GALVES, 1993), a obrigatoriedade da cópula pode ser um indicativo de que o predicado das exclamativas-*como* esteja em IP, não em CP, como analisamos as exclamativas-wh até então. Contudo, é preciso recorrer a testes que diagnostiquem o movimento (ou a ausência do movimento) da cópula. Sendo assim, vejamos como se comportam as exclamativas-*como* em contraste com as exclamativas-*quanto* com advérbios altos (avaliativos e mirativos):

- (45) Como é incrivelmente ágil esse piloto!
- (46) ?/*Incrivelmente como é ágil esse piloto!
- (47) Incrivelmente quanto é ágil esse piloto!
- (48) Como está impressionantemente cheio de analfabeto esse governo!
- (49) ?/*Impressionantemente como está cheio de analfabeto nesse governo!
- (50) Impressionantemente (o) quanto está cheio de analfabeto nesse governo!

Como podemos identificar nos dados acima, as exclamativas-*como* não se comportam necessariamente igual às exclamativas-*quanto*: enquanto é possível encontrarmos advérbios altos à esquerda de exclamativas-*quanto*, como em (47) e (50), com exclamativas-*como* não parece ser o caso (cf. (46) e (49)). Tal constatação se coaduna com as observações já feitas, em que vimos uma distinção entre o comportamento das exclamativas-*que/quanto*, de um lado, e as exclamativas-*como*, de outro, a partir de testes de coocorrência com advérbios avaliativos e mirativos.

Assumimos então que o traço de gradatividade – no caso das exclamativas-*que/quanto* – é valorado em uma posição da periferia esquerda (denominada aqui de DegP) e que o traço de indexicalidade, por estabelecer valores contextuais de ‘tempo’, ‘maneira’ e ‘localidade’ seja valorado, *por soldagem*, em uma posição específica de circunstanciais, acima de *vP*, ou mesmo, nalguns casos, internamente à projeção estendida do nome, também via soldagem de um demonstrativo.

Dessa forma, podemos organizar, em um quadro sinóptico, as categorias envolvidas na expressão da exclamatividade-wh (com as devidas estratégias de valoração envolvidas) da seguinte forma:

Figura 1 – Quadro das categorias funcionais acionadas em exclamativas-wh

Traço/Categoria	Categoria Funcional	Mecanismo de valoração	Tipo de exclamativa
INDEXICALIDADE	DemP ou LocP/TempP/ MannerP	Soldagem	Todas
REFERENCIALIDADE/ EVIDENCIALIDADE	MoodEvidentialP	Movimento	Todas
AVALIAÇÃO	MoodEvaluativeP	Movimento	Todas
MIRATIVIDADE	MoodMirativeP	Movimento	Todas
FORÇA	ForceP	Movimento	Todas
GRADATIVIDADE	DegreeP	Movimento	Exclamativa-que/quanto

(Fonte: Lima, 2020, p. 106)

Como argumentamos anteriormente, acreditamos que as sentenças exclamativas não sejam categorias primitivas da gramática. Noutras palavras, assumimos que mais de uma categoria esteja envolvida na valoração dos traços associados à exclamatividade. Nesse sentido, as exclamativas-wh seriam um tipo sentencial obtido derivacionalmente: os diferentes traços necessários são valorados ao longo de posições de IP (a posição do circunstancial e a das modalidades evidencial, avaliativa e mirativa) para, em seguida, com um ulterior movimento para a [Spec,ForceP], ser valorado o traço associado ao tipo sentencial (*clause-typing*). Vejamos a seguir uma exemplificação das diferentes estratégias de derivação dessas sentenças.

4. Uma proposta de derivação para as exclamativas-wh

Na seção anterior, com base em testes de coocorrência, organizamos o quadro da fig. 1, que contempla os traços e categorias envolvidos na exclamatividade-wh: os traços de *indexicalidade*, *evidencialidade*, *avaliação*, *miratividade*, *força* e, no caso das exclamativas-*que/quanto*, o de *gradatividade*. Além desse mapeamento, levantamos a hipótese de haver casos – como aqueles envolvendo as exclamativas-*como* – em que algumas propriedades das exclamativas são valoradas na zona alta de IP (CINQUE, 1999), não na periferia esquerda. Os testes de coocorrência com itens supostamente pertencentes à mesma categoria confirmaram essa hipótese.

Resta-nos agora, com base nas diferenças entre esses subtipos de exclamativas, apresentar uma proposta de derivação. Uma vez que o presente trabalho se insere no espírito da Cartografia, partiremos de uma única estrutura de Soldagem (i.e., de uma única hierarquia), para capturar as diferenças entre essas exclamativas, recorrendo aos mecanismos básicos de construção de estrutura, nomeadamente: soldagem e movimento (TESCARI NETO, 2019; LIMA, 2020, seção 3.3).

Essa proposta de derivação¹¹ captura o comportamento distinto de exclamativas-*como* (cf. (51)), de um lado, e exclamativas-*que* (52) e -*quanto* (53), de outro:

- (51) Como é linda aquela mulher!
- (52) Que bagunça eles fizeram aqui/AQUI!
- (53) Quanta bagunça eles fizeram aqui/AQUI

195

A começar pela exclamativa-*como* em (51), o primeiro passo da história derivacional da sentença é a checagem do traço de indexicalidade, diretamente envolvido na exclamatividade-wh. Como vimos na seção anterior, diferentemente dos outros traços que são valorados por movimento, indexicalidade é valorado por Soldagem. O locus dessa valoração, contudo, não é de todo claro: há autores que argumentam que esse traço seja valorado em uma zona alta do CP, em uma posição acima de ForceP (GIORGI, 2008). Em nossa proposta, contudo, o traço de indexicalidade pode ser valorado na projeção estendida de N – na presença de um sintagma demonstrativo como *aquela* (em (51)) – ou na projeção estendida de V – em presença de um advérbio circunstancial (locativo, temporal ou de modo/maneira).

No caso específico da sentença em (51), assumimos que a valoração do traço de indexicalidade se dê com a Soldagem do DemP “aquela” na projeção estendida do NP. Pormenores à parte (como já dito), o segundo passo da derivação – diretamente envolvido na expressão da exclamatividade-wh –

¹¹ A título de simplificação, ilustraremos apenas os passos derivacionais diretamente envolvidos na exclamatividade-wh, não entrando nos pormenores da derivação completa.

corresponde à valoração do traço de Mood_{Evidential}, nomeadamente o traço [+ referencial]. Conforme vimos na seção 3, as exclamativas-wh têm de valorar esse traço pela razão de que a sensibilidade à experiência (visual, auditiva, etc.)¹² é uma das características semânticas das exclamativas-wh (MICHAELIS, 2001).

A porção da sentença “aquela mulher” é um constituinte na sentença em questão, podendo, então, se mover sozinho. Tal constituição é atestada pelo teste de movimento em (54-55), abaixo, que sugere que (54) é derivada de (55):

(54) Aquela mulher_i, como t_i é linda!

(55) Como aquela mulher é linda!

Repare que o sintagma “aquela mulher” é o constituinte que deve valorar o traço de referencialidade, uma vez que diz respeito ao referente da exclamação do falante. Na fig. 2, a seguir, esse passo da história derivacional é indicado pelo número “1”.

O terceiro passo desta derivação é a entrada, na estrutura, do núcleo de Mood_{Evaluative}. Como vimos na seção anterior, as sentenças exclamativas necessariamente veiculam uma avaliação do evento/objeto do predicado por parte do falante. Dito isso, o constituinte “linda” se move para a posição de [Spec, Mood_{Eval}P] – tal como indicado como “2” na fig. 2 – para valorar este traço de avaliação.

Podemos constatar o status de constituinte do adjetivo “linda” a partir de testes de constituição, tal como o teste de movimento, que ilustramos em (57) – derivada de (54), repetida como (56), a seguir:

(56) Aquela mulher, como é linda!

(57) Linda_i, aquela mulher, como é t_i!

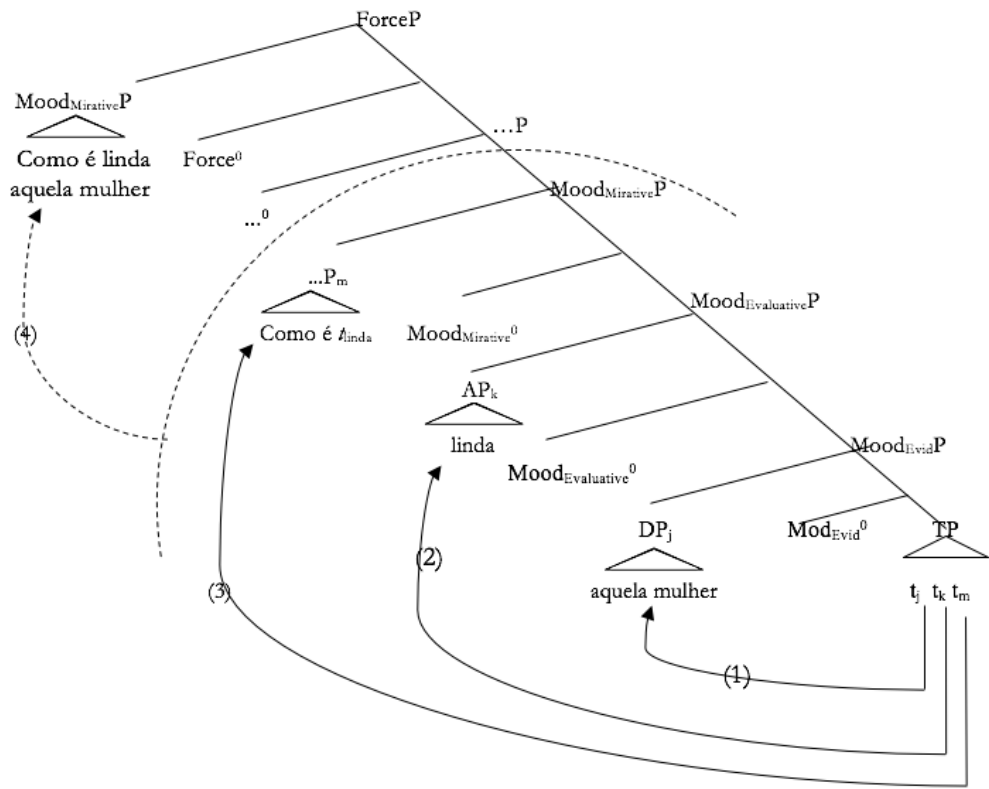
Constatada a constituição de “linda” em (56-57), faz-se necessário justificar por que este sintagma (e não outro constituinte de (56)) deve se mover para a posição de [Spec, Mood_{Eval}P]: *linda* é um adjetivo avaliativo¹³. É pertinente que esse sintagma, portanto, seja o constituinte a valorar o traço de avaliação na exclamativa-wh em (51).

12 A má formação de exclamativas-wh em sentenças com evidenciais (p.ex., em “*Evidentemente como é linda aquela mulher”) é um bom argumento em favor da pertinência da assunção do traço [avaliativo].

13 Um parecerista anônimo nos questionou sobre a impossibilidade de modificação no interior do sintagma, exemplificado pela sentença agramatical “*Como aquela mulher é muito linda!”. Argumentamos que essa modificação no interior do sintagma é possível, desde que utilizemos os denominados ‘intensificadores expressivos’ (GUTZMAN; TURGAY, 2015), dado o caráter expressivo das construções exclamativas. Um bom exemplo dessa categoria seriam os palavrões enquanto intensificadores: ‘Como aquela mulher é linda *pra caralho*’.

Em seguida, entra na estrutura o núcleo de Mood_{Mirative}. Como vimos, a surpresa e/ou a admiração é entendida como propriedade das exclamativas-wh segundo diversas abordagens (ZANUTTINI & PORTNER, 2003; ZEVAKHINA, 2014).

Figura 2 – Derivação das exclamativas-*como* no PB



(Fonte: adaptado de LIMA, 2020).

Como argumentado na seção anterior, uma vez que as exclamativas envolvem leitura mirativa, não é possível coocorrerem com um advérbio mirativo dentro de exclamativas-*como*. Assim, o constituinte “como é t_{linda}” se move para a posição de [Spec, Mood_{Mirative} P], tal como ilustrado pelo passo derivacional “3” da fig. 2, acima. Esse movimento é desencadeado para a valoração do traço [+ mirativo]: o sintagma-wh é o constituinte responsável pela veiculação da modalidade mirativa das exclamativas.

Na sequência, Mood_{Mirative} P se solda com a projeção de Mood_{SpeechAct} P, em consonância com a hierarquia de Cinque (1999). Uma vez que em nossa derivação representamos apenas as categorias pertinentes à expressão da exclamatividade-wh, inserimos acima de Mood_{Mirative} P, na figura 2, a “projeção” ‘...P’ para indicar a supressão das projeções de Mood_{SpeechAct} P, FinP, FocP, TopP, e demais projeções de CP c-comandadas por ForceP.

Por fim, o núcleo de Force⁰ entra na derivação e Mood_{Mirative} P se move para [Spec, ForceP] para valorar o traço de força, como indicado em “4” na figura 2. Conforme nossa hipótese acerca das exclamativas-wh, a modalidade exclamativa é obtida derivacionalmente, de modo que cinco categorias – no caso das exclamativas-*como* – estejam envolvidas em sua derivação.

Alguns passos da derivação de exclamativas-que/quanto, do tipo das de (60-61), a seguir, são similares aos passos da história derivacional de exclamativas-como, com a diferença crucial de que, no caso das primeiras, há movimento ulterior para [Spec,DegP], onde se valora o traço de [gradatividade].

(60) Que bagunça eles fizeram aqui/AQUI!

(61) Quanta bagunça eles fizeram aqui/AQUI!

No início da derivação dessas sentenças, tal como nas exclamativas-como, o traço de indexicalidade é valorado em uma posição imediatamente acima de ν P, na zona dos sintagmas circunstanciais (Cinque, 2006, cap. 6). Tal valoração é garantida pela Soldagem do dêitico “aqui” – que pode permanecer silencioso (“AQUI”).

Ignorando as etapas derivacionais não diretamente envolvidas na valoração da exclamatividade-wh – como o movimento do DP-wh *quanta bagunça* para a valoração do traço de Caso acusativo (Tescari Neto, 2013; vide também nota a seguir) –, entra na estrutura o núcleo de Mood_{Evidential}, que se solda com TP. Desta porção denominada de TP, é extraído o VP “eles fizeram $t_{\text{quanta bagunça}}$ ” – que, de pronunciado, contém tão somente *eles fizeram*, em virtude, como dissemos, da subida de *quanta bagunça* para uma projeção associada à valoração do traço de caso acusativo, acima de VP⁻¹⁴ e movido a [Spec,Mood_{Evidential}] para valorar o traço de evidencialidade/referencialidade.

Assim, o sintagma “eles fizeram t ” se move para a posição de [Spec, Mood_{Evidential}P], passo descrito como “1” na figura 3 a seguir, para valorar o traço de referencialidade [+ evidencial].

Uma vez que nas exclamativas há a veiculação de uma avaliação sobre o evento/objeto veiculado pelo predicado, essa avaliação deve ser valorada em uma posição dedicada da hierarquia sintática. Desta forma, o NP “bagunça” se moveria – conforme atestado pelos testes em (62-64) – para a posição de [Spec, Mood_{Evaluative}P], tal como indicado pelo passo “2”, na fig. 3, para valorar o traço de [+avaliação]. Que “bagunça” seja um constituinte é atestado pelos testes do movimento (63) e da clivagem (64):

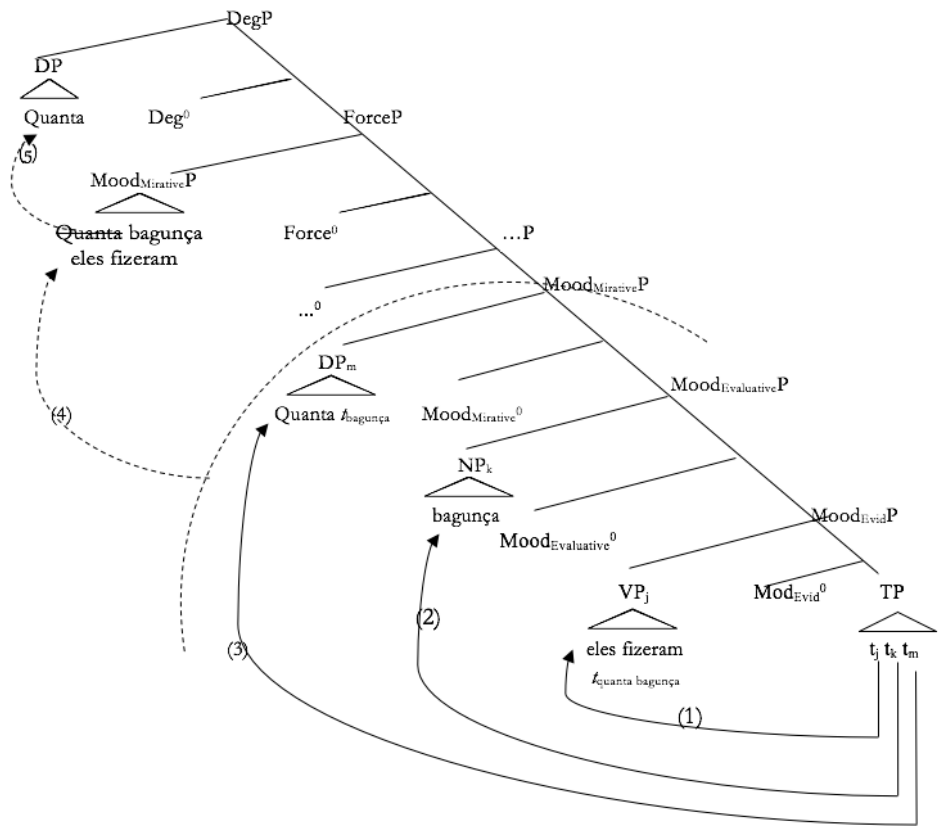
14 Que *quanta bagunça* forme um constituinte é evidente pela troca do pronome *eles* por um NP complexo e movimento de *heavy NP shift*, como acertadamente nos lembrou um dos pareceristas anônimos, em vista do contraste observado em (iii-iv), a seguir:

- (i) [Quanta bagunça]_i [eles] [fizeram] t_i !
- (ii) [Quanta bagunça]_i [as crianças] [fizeram] t_i !
- (iii) ??[Quanta bagunça]_i [as crianças que você deixou aqui para eu cuidar] [fizeram] t_i !
- (iv) [Quanta bagunça]_i [fizeram] [as crianças que você deixou aqui para eu cuidar] t_i !

No caso, após o movimento do DP-wh *quanta bagunça* para a valoração do traço de acusativo nalguma projeção associada à valoração de tal traço no *Middlefield* (p.ex., alguma projeção do tipo de “AgrOP” de análises dos anos 90), o VP “eles fizeram $t_{\text{quanta bagunça}}$ ” poderia, então, se mover como constituinte.

- (62) Eles fizeram bagunça!
(63) Bagunça, eles fizeram!
(64) Foi bagunça que eles fizeram!

Figura 3 – Derivação das exclamativas-que/quanto no PB



(Fonte: adaptado de LIMA, 2020)

Na sequência, o núcleo de Mood_{Mirative} entra na estrutura e se solda com Mood_{Evaluative} P. Em seguida, o constituinte contendo o sintagma-wh, nomeadamente o DP-wh “quanta t_{bagunça}” se move para a posição de [Spec, Mood_{Mirative} P] (cf. o passo “3”, indicado na fig. 3) para valorar o traço de [+miratividade]¹⁵.

Assim, tal como descrito em “3” na fig. 3, os sintagmas ‘que/quanto’ se movem para [Spec, Mood_{Mirative} P] para valorar o traço [+miratividade].

Por fim, tal como ocorre nas exclamativas-como, acima de Mood_{Mirative} P são soldadas as projeções de Mood_{SpeechAct} P, FinP, etc., até chegar o momento de Force⁰ se soldar à estrutura e Mood_{Mirative} P se mover a seu especificador, como vemos em “4” na fig. 3. Na sequência, Deg⁰ se solda a ForceP e o elemento-wh é subextraído de ForceP e movido ao especificador de Deg, como representado em “5” (fig. 3).

15 Lembre-se, pelos passos anteriores da derivação, de que *quanta bagunça* havia subido a um especificador acima de VP – não representado, contudo, na fig. 3 por questões de espaço – para valorar caso acusativo (Tescari Neto, 2013), deixando o VP “livre” para subir, como constituinte, e valorar, p.ex., o traço de evidencialidade, conforme vemos indicado na fig. 3 pelo passo 1. Se o NP *bagunça* é extraído na sequência e movido a [Spec, Mood_{Evaluative} P] – como atestado por (62-64), independentemente, no texto –, o DP “quanta t_{bagunça}”, que contém pronunciado tão somente o sintagma-wh *quanta*, fica “livre” para subir à posição de [Spec, Mood_{Mirative} P] para valorar o traço de surpresa/miratividade associado àquela projeção.

As exclamativas-*que* e as exclamativas-*quanto* têm em comum o fato de ambas serem dotadas da propriedade de gradatividade. Há, contudo, uma diferença semântica no tipo de grau envolvido em exclamativas-*quanto* e em exclamativas-*que*, para o que remetemos o leitor a Lima (2020, cap. 3).

Argumentamos que essa seria a diferença estrutural entre as exclamativas-*como* e as exclamativas-*que/quanto*: as exclamativas-*como* sobem até ForceP, enquanto as exclamativas-*que/quanto* subiriam até a posição de DegP, inserido na borda do CP. As exclamativas-*que* e as exclamativas-*quanto* têm em comum o fato de ambas serem dotadas da propriedade de gradatividade.

Considerações finais

Neste artigo apresentamos uma análise cartográfica das sentenças exclamativas no PB, levando em conta as categorias funcionais acionadas sobretudo na zona alta de IP e na periferia esquerda da sentença, com base em suas propriedades semântico-pragmáticas. Para isso, lançamos mão de testes de coocorrência de sintagmas-wh com advérbios que supostamente ocupariam um mesmo especificador (cf. Tescari Neto, 2019, cap. 2), para aferirmos a pertinência dessas propriedades na estrutura sintática.

Organizamos em um quadro sinótico, as categorias que parecem estar envolvidas nesse tipo de construção e, na sequência, aplicamos testes de coocorrência para cada uma das categorias funcionais alegadamente envolvidas em construções exclamativas-wh, testando sua pertinência com dados do PB.

Também foram aplicados alguns testes de coocorrência com advérbios avaliativos e mirativos para observarmos algumas diferenças de estratégias derivacionais entre tipos distintos de exclamativas-wh, a saber, para estabelecermos uma distinção entre exclamativas-*que/quanto* e exclamativas-*como*.

Quanto às categorias funcionais envolvidas na exclamatividade-wh, apresentamos alguns dados para argumentar contra o envolvimento dos traços de factividade e de foco nas exclamatividade-wh e argumentar que as categorias ForceP, MirativeP, EvaluativeP, EvidentialP, CircumstantialP¹⁶ (ou DemP¹⁷) seriam acionadas na derivação de todos os tipos de exclamativas-wh para serem valorados, respectivamente, os traços de força, miratividade, avaliação, evidencialidade e indexicalidade. O traço de gradatividade, como vimos, é valorado tão somente pelas exclamativas-*que/quanto*, não pelas exclamativas-*como*. Esse traço é valorado por movimento ao especificador de DegP, acima de ForceP.

16 Na verdade, uma projeção da zona “CircumstantialP”, nomeadamente LocP, TempP ou MannerP.

17 O locus de valoração do traço de indexicalidade pode correr na projeção estendida do verbo ou do nome, algo que precisa ser mais bem investigado futuramente.

Referências

AMBAR, Manuela. Wh-asymmetries. *Asymmetry in grammar*, ed. A. M. Di Sciullo, Amsterdam: John Benjamins, p. 209-249, 2003.

CASTROVIEJO, Elena. *Wh-Exclamatives in Catalan*. Ph. D. thesis, Universitat de Barcelona, 2006.

_____. Deconstructing Exclamations. *Catalan Journal of Linguistics*, v. 7, n. 1, p. 41, 2008.

_____. Gradation in modified AdjPs. In: *Semantics and Linguistic Theory*, p. 83-103, 2012.

BEIJER, Fabian. The Syntax and Pragmatics of Exclamations and other Expressive/Emotional Utterances. *The department of English in Lund : working papers in linguistics*, 2002.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. In: *The structure of CP and IP*, edited by Luigi Rizzi, New York: Oxford University Press, p. 16–51, 2004.

BENINCÀ, Paola; MUNARO, Nicola (Ed.). *Mapping The Left Periphery: The Cartography of Syntactic Structures Volume 5*, Oxford, Oxford University Press, 2011.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

_____. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, M. (Ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MIT Press, 2001.

CINQUE, Guillermo. Adverbs and the Universal Hierarchy of Functional Projections. *GLOW*, 34, p. 14-15, 1995.

_____. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 1999.

_____. Deriving Greenberg's Universal 20 and its exceptions. In: *Linguistic Inquiry*, 36, p. 315-332. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2005

_____. *Typological Studies. Word Order and Relative Clauses*. New York, ROUTLEDGE, 2013

CINQUE, Guillermo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. In: Heine, B.; Narrog, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. NY, Oxford University Press, p. 51-65, 2010.

CRUSCHINA, Silvio; REMBERGER, Eva Maria. Speaker-oriented syntax and root clause complementizers: Comparative approaches to the Complementizer Phrase. *Linguistic Variation*, n. 18l, p. 336-358, 2018

DELFITTO, Denis & FIORIN, Gaetano. Exclamatives: Issues of syntax logical form and interpretation. *Lingua*. n. 152, p. 1-20, 2014

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: M. Kato and I. Roberts (Eds.). *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 387-403, 1993.

GIORGI, Alessandra. *About the Speaker: Towards a Syntax of Indexicality*. Oxford Studies in Theoretical Linguistics 28, Oxford University, 2008.

GUTIÉRREZ-REXACH, Javier. Spanish Exclamatives and the Interpretation of the Left Periphery. In: *Romance Languages and Linguistic Theory 1999: Selected Papers from "Going Romance"*, p. 167-194. Amsterdam: John Benjamins., 2001

_____. "Spanish Root Exclamatives at the Syntax/Semantics Interface". *Catalan Journal of Linguistics*, n.7, p. 117-133, 2008

GUTZMANN, D; TURGAY, K. Expressive Intensifiers and External Degree Modification. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, 17, p. 185-228, 2015

GUTZMANN, Daniel. *Use-conditional meaning: Studies in multidimensional semantics*. Oxford: Oxford University Press. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780198723820.001.0001, 2015.

KAPLAN, David. Demonstratives. In: Almog, Perry, and Wettstein, p. 481-563, 1989.

KAYNE, Richard. The Antisymmetry Of Syntax. *Linguistic Inquiry Monograph*, 25. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1994

_____. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005.

DELANCEY, Scott. Mirativity: The grammatical marking of unexpected information. *Linguistic Typology*, n.1, p. 33-52, 1997.

LARSON, Richard. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, Vol. 19, No. 3 (Summer, 1988), p. 335-391, 1988

LIMA, Bruno. *A cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro: categorias e hierarquias*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2020.

LIPTÁK, Anikó. The left periphery of Hungarian exclamatives. In: *Contributions to the thirtieth Incontro di Grammatica Generativa*, ed. Laura Brugé, Giuliana Giusti, Nicola Munaro, Walter Schweikert, and Giuseppina Turano. Venezia: Cafoscarina, p. 161–183 2005.

_____. Word Order in Hungarian Exclamatives. In: *Acta Linguistica Hungarica*, Vol. 53 (4), p. 343-391, 2006

MAYOL, Laia. Catalan ‘Déu n’hi do’ and Levels of Meaning in Exclamatives. In: CHANG, C. B.; HAYNIE, H. J. (Eds.). *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*, p. 375-383, 2008.

MICHAELIS, Laura. Exclamative constructions. *Language typology and universals: an international handbook*, Martin Haspelmath et al. (eds.). Berlin: de Gruyter, p. 1038-1050, 2001.

MUNARO, Nicola. *On some differences between exclamative and interrogative Wh-phrases in Bellunese*. Paper presented at the Workshop Minimal variation in the WH system, Paris, 1998.

_____. Verbless Exclamatives Across Romance: Standard Expectations and Tentative Evaluations, vol. 16. *Working Papers in Linguistics*, University of Venice, 2006

MUNARO, Nicola; OBENAUER, H. G. On the semantic widening of underspecified wh-elements. *Proceedings of the X-Coloquio de Grammatica Generativa*. Madrid: Alcalh, forthcoming, 2003.

NOUWEN, Rick; CHERNILOVSKAYA, Anna. Two types of exclamatives. *Linguistic Variation*, 15(2). 201-224, 2015.

PFEIFFER, Martin. The deictic dimension of exclamations: On the use of wh-exclamatives in German face-to-face interaction. *Revue de Sémantique et de Pragmatique*, 40. p. 35-57, 2016.

PINHEIRO, Christine da Silva. *Small Clauses Livres: bem diferentes, essas sentenças!* Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2019.

RETT, Jessica. Exclamatives, degrees and speech acts, *Linguistics & Philosophy*, 34(5), p. 411-442, 2011.

RIZZI, Luigi. The fine structure of left periphery. In: Haegman, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, p. 282-337, 1997

_____. The structure of CP and IP. *The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2, New York: Oxford University Press, 2004a

_____. Locality and Left Periphery. In: Belletti, A. (Ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*, vol.3. New York/Oxford: Oxford University Press, p. 223-251, 2004b.

_____. The Structure of CP and IP. *The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 2. New York, Oxford: Oxford University Press, 2005.

ROSENGREN, Inger. Expressive Sentence Types – A Contradiction in Terms. The Case of Exclamation. In: SWAN, Toril; OLAF, Jansen Westvik (Eds.). *Modality in Germanic Languages*, Mouton de Gruyter, Berlin, 1997.

204 SIBALDO, Marcelo. *A sintaxe das small clauses livres do Português Brasileiro*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Alagoas, 2009.

_____. Semelhanças e diferenças entre duas sentenças exclamativas do português brasileiro. *Gragoatá (UFF)*, v. 21, p. 113-132, 2016.

SOUSA, Raquel. Como assim mirativo em PB: aspectos sintáticos e semânticos. In: *III Colóquio de Semântica Referencial*, 2019. Disponível em: <https://csr.faiufscar.com/anais#/trabalhos>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

SPEAS, Margaret. Evidentiality, logophoricity and the syntactic representation of pragmatic features. *Lingua*, 114(3), p. 255-276, 2004

SPEAS, Peggy; TENNY, Carol. Configurational Properties of Point of View Roles. In DiSciullo, Anna (Ed.). *Asymmetry in Grammar*. Amsterdam: John Benjamins. p. 315-344, 2003.

TESCARI NETO, Aquiles. *On Verb Movement in Brazilian Portuguese: a Cartographic Study*. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio). Università Ca'Foscari di Venezia, 2013.

_____. A posição do quantificador universal e suas implicações para o diagnóstico do movimento do verbo. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)*, v. 32, p. 819-859, 2016.

_____. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*. Manuscrito, UNICAMP, 2019.

URIAGEREKA, Juan. An F position in western Romance. In: KISS, K. *Discourse configurational languages*. New York: Oxford University Press, p. 153-175, 1995.

VILLALBA, Xavier. An exceptional exclamative sentence type in Romance. *Lingua*, 113, p.713-745, 2003

_____. L'evolució de les oracions exclamatives-qu de grau en català. *Caplletra*, 60, p. 211-226, 2016

ZANUTTINI, Raffaella. & PORTNER, Paul. Exclamative clauses: At the syntax-semantics interface. *Language*, 79, p. 39-81, 2003.

ZENDRON DA CUNHA, Karina. *Sentenças exclamativas em Português Brasileiro: um estudo experimental de interface*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

ZEVAKHINA, Natalia. Syntactic strategies of exclamatives. *The journal of Estonian and Finno-Ugric linguistics*, (4-2): p. 157-178, 2013.

205

ZUBIZARRETA, María Luisa. *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

Submetido em: 0/0/0

Aceito em: 0/0/0